

Migrantes no interior de São Paulo: representações da origem e inserção no mercado de trabalho

Virgínia Ferreira da Silva¹

RESUMO

O presente artigo focaliza a inserção de migrantes na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, discutindo a circulação de representações que associam a origem dos migrantes à sua inserção no mercado de trabalho local. São analisadas duas categorias sociais importantes: *ser paranaense* e *ser nordestino*.

Palavras-chave: Migrantes. Interior de São Paulo. Origem. Trabalho.

INTRODUÇÃO

A periferia urbana do interior de São Paulo, que se constituiu de forma não muito diferente que a da própria capital, tem recebido menor atenção de estudiosos e cientistas, o que inclusive justifica, em parte, o artigo que aqui se apresenta. Este se baseia em resultados de minha pesquisa de doutorado² que teve como *locus* de estudo o bairro Cidade Aracy, que fica na cidade de São Carlos. A expansão das cidades do interior de São Paulo está muito ligada a processos migratórios, e a pesquisa priorizou aspectos culturais dos mesmos.

Serão feitas aqui considerações que permitam relativizar o peso dos grandes desenvolvimentos nacionais para compreensão da dinâmica migratória e vida social dos migrantes. Nesse sentido, não considerarei migrantes simplesmente como “expelidos” de seu meio ou “atraídos” pelo mercado de trabalho de uma região; a reflexão será aprofundada por meio da análise de aspectos da vida social, o que permitirá que se façam considerações sobre a relação desses migrantes com o mercado de trabalho local.

No bairro encontrei migrantes com as mais diversas procedências (paranaenses, paraibanos, sergipanos, etc.) nas mais diversas ocupações. Dividiam-se especialmente entre trabalhadores de roça e empregados nas grandes empresas da cidade. A essas diferentes ocupações pareciam estar associadas diferentes origens, dentre as quais destaco nordestinos de um lado, e paranaenses de outro. Este artigo trata de indícios e representações sociais que associam a origem dos migrantes à posição ocupada por eles no mercado de trabalho.

PRESSUPOSTOS

A decisão de migrar faz parte de um processo que acontece no interior do grupo social a que pertencem os indivíduos: não optam sozinhos pela migração. Mesmo que existam processos sociais “mais amplos” como o próprio modo de desenvolvimento nacional, que cria dificuldades de permanência do grupo num espaço físico e que os atrai para outros, a migração só se concretiza na vida dessas pessoas por meio de processos mais “íntimos”, como é o caso do incentivo da família: geralmente a migração acontece a partir da recomendação de parentes ou de amigos.

Isso pode ser percebido no texto de Sayad (1995) que trata de favelas francesas ocupadas majoritariamente por argelinos. Ao falar do nascimento dessa favela – *bidonville* – escreve que:

“À partir de là, un phénomène de contagion se s'instaure. Chacun des locataires incite ses parents, amis et connaissances, à venir le rejoindre, à venir se 'bidonvilliser', et se construire une baraque (...) Le bidonville est une création d'immigrés pour les immigrants... (SAYAD, 1995, p. 32)

A importância do desenvolvimento nacional é inegável, mas torná-lo absoluto e determinante nos processos que fazem uma pessoa ou família optar pela migração seria omitir uma série de processos sociais nos quais se produz a decisão de deslocamentos, como “o papel da família na saída e na chegada, e os diferentes pontos e atores que compuseram a trajetória” (GARCIA e HEREDIA, 1997, p. 77). Esses grandes processos podem até mesmo indicar a abrangência do fenômeno migratório, explicá-lo em alguma medida, porém jamais seriam suficientes para sua compreensão quando se está preocupado com a trajetória social dos migrantes.

Por meio de relacionamentos sociais o processo migratório acontece. A decisão de migrar, bem como a conseqüente migração efetiva é permeada pelas redes de relacionamentos: há aqueles que, na condição de amigos e parentes, recomendam que a pessoa mude de cidade, de estado, e, no novo lugar, há os que acabam “facilitando a busca de moradia e de ocupações para os que chegam, com base em compromissos morais sedimentados pela proximidade dos laços afetivos” (COSTA, 2001).

Não por acaso se formam correntes migratórias específicas, em que pessoas de um mesmo grupo reencontram-se morando numa outra cidade, mesmo que diretamente não tenham conversado sobre isso. É comum que migrantes encontrem, no novo lugar, pessoas da sua região de origem que, por outro lado, não conheciam. Apesar de não se conhecerem, fazem parte da mesma rede social, e não por coincidência foram parar no mesmo lugar.

Por isso é importante ter em mente: “se a relação estabelecida entre as migrações e desenvolvimento industrial não é falsa, ela é claramente insuficiente para explicar tais fluxos migratórios” (GARCIA, 1990, p. 12). Eles não explicam, por exemplo, de que forma tais correntes migratórias se estabelecem na vida concreta das pessoas, de que forma pessoas de mesma origem que não se conheciam antes vão parar no mesmo lugar.

Ao estudar a constituição das cidades brasileiras por meio de levadas migratórias estrangeiras, Seyferth (1990) chama atenção para a tendência de “concentração de

imigrantes de mesma procedência num espaço urbano comum”, faz referência às ruas e bairros que possuem predominantemente certos grupos de imigrantes, e que são identificados com seu grupo constitutivo. Isso ocorre até hoje em cidades como São Paulo, com os bairros como Mooca, Bexiga, entre outros (SEYFERTH, 1990, p. 65)³.

Os migrantes estudados sempre apontavam São Carlos como uma cidade boa para o trabalho. Embora a busca por trabalho não seja a única questão que faz tais homens e mulheres optarem pela migração, não dá para deixar de discorrer sobre ela, já que estava nitidamente presente ali, envolvida na própria justificativa de mudança. São Carlos é sempre apontada como uma cidade em que “fica sem trabalho quem quer”. Assim, traço em linhas gerais seu desenvolvimento, os setores de atividade que possui, as possibilidades desenvolvidas no mercado de trabalho da cidade.

É importante que fique claro, no entanto, que a importância disso não está em considerar que migrantes foram atraídos prioritariamente em função desse desenvolvimento, mas que esse indicava lugares e posições a serem por eles ocupados. Assim, pensando nesses pressupostos, o intuito é traçar como tais desenvolvimentos, relacionados a mercado de trabalho local, integram a vida cotidiana de homens e mulheres migrantes.

O DESENVOLVIMENTO

De maneira semelhante ao da capital, a periferia urbana do interior aumenta com o desenvolvimento econômico da cidade. Em São Paulo iniciou-se, a partir de meados da década de 40, um padrão de urbanização por expansão da periferia, o qual vem acompanhado de um processo de industrialização pesada e de intensa urbanização (BORGES, 1997, p. 34).

Contingentes populacionais nordestinos migram para as grandes capitais do sudeste do Brasil, vindo constituir a periferia urbana da capital paulista. Esta se desenvolveu num ritmo muito mais acelerado que o interior, o que gerou um desequilíbrio regional de desenvolvimento, conduzindo o Governo Federal a planejar uma política de desconcentração industrial a partir de 1976 (OLIVEIRA, 1999, p. 27).

Essa política não deve ser atribuída às pressões da pobreza da região metropolitana, mas às novas possibilidades de investimento oferecidas pelo interior. Para esse fim foi gerada uma política rodoviária e energética, e dessa forma incentivada, começou a ser processada forte urbanização do interior paulista.

Além desse processo que levou muitas indústrias para o interior, houve um processo de modernização agrícola associado à concentração fundiária, o qual também contribuiu para o processo de urbanização, já que levou ao esvaziamento das áreas rurais. Com o aumento dos investimentos em máquinas, equipamentos e produtos agroquímicos, o número de empregados permanentes no campo acaba sendo reduzido para a introdução dos trabalhadores contratados por tarefa – os bóia-frias (BORGES, 1997, p. 36-39)⁴.

No que diz respeito à região de Ribeirão Preto, que inclui São Carlos⁵, a mecanização do corte de cana fez com que milhares de migrantes sazonais que, todos os anos, permaneciam nessa região durante oito meses ou mais, e também os trabalhadores rurais

que residiam nas cidades-dormitórios, fossem então constituir a periferia urbana das cidades (Silva, 1999). Assim, muitos migrantes, antes sazonais, passaram a residir na periferia urbana das cidades do interior de São Paulo – conversei com muitos desses no Aracy.

Nota-se que a expansão das cidades do interior de São Paulo está muito ligada a um processo migratório. Não só migrantes que vêm em busca do trabalho na roça, na safra, mas também aqueles que procuram empregos nas empresas da cidade. Ocorre que, no início de 1950, “com uma população de 36.082 habitantes, São Carlos já despontava como cidade operária, com 4.518 trabalhadores prestando serviços nas indústrias de transformação” (PAINO, 2002, p. 10-11).

A cidade já contava com as seguintes empresas: Indústrias Pereira Lopes de São Carlos (que fabricava os refrigeradores Clímax, era a maior indústria da região central do estado de São Paulo, empregando perto de mil e quinhentos trabalhadores e tendo iniciado suas atividades na cidade em 1944); em grau de importância vinha em seguida a Lápis Johann Fabber (que empregava na maioria trabalhadoras e surgiu na cidade em 1930). Outra importante empresa pertencente à categoria metalúrgica era a Indústria Giometti, que fabricava peneiras, pregos e grampos de cerca, entre outros produtos. Essa indústria fora fundada em abril de 1928, por Miguel Giometti, italiano (PAINO, 2000).

Também deve ser citada a fábrica de toalhas Tecelagem São Carlos, fundada pelo imigrante turco Miguel Abdelnur em maio de 1946. Em 1956, a família Rosel, que havia abandonado algumas empresas no lado oriental da Alemanha dividida, fundava a Tapetes São Carlos fabricante de tapetes e carpetes. Também já havia na cidade a Universidade da USP (a Escola de Engenharia de São Carlos), implantada em 1954. Nos anos da ditadura foi instalada a Universidade Federal de São Carlos, a UFSCar (PAINO, 2002).

Assim, hoje São Carlos é conhecida pelas duas universidades que abriga – UFSCar e USP. Também é conhecida nacionalmente pelo parque industrial que possui: Volkswagen, Tecumseh, Faber-Castell e Eletrolux. Atualmente conta com 192.998 habitantes, sendo que desses, 183.433 estão na área urbana e 9.565 na área rural (censo 2000). Isso quer dizer que cada vez mais São Carlos é uma cidade eminentemente urbana, hoje com 95% de sua população nesta área. Conta com 6 mil empresas comerciais e de serviços, 1,6 mil empresas industriais e 55 mil residências⁶.

Muitos dos entrevistados dizem ter vindo na época em foi instalada a Sicom (atual Tecumseh), que estava admitindo muitos funcionários. Conforme foi visto, São Carlos é uma cidade que proporciona, além da possibilidade de emprego na indústria, a possibilidade de emprego no setor agrícola, por meio do trabalho nas usinas da região e do trabalho nas plantações de cana, assim como também é expressiva a plantação de laranja, algodão, entre outras.

A Pastoral dos Migrantes realizou uma pesquisa no município de Pintadas (BA) que revela que quase 90% dos que migraram no ano de 1995 tiveram como destino o interior do Estado de São Paulo (SILVA, 1999, p. 319) – são trabalhadores rurais que vão para as cidades em busca de emprego, sendo que muitos foram para a região de Ribeirão Preto – em que São Carlos está incluída:

“Em 1993, esta região possuía 29 usinas de açúcar e 17 destilarias, com uma produção de 3,5 bilhões de litros de álcool e 42 milhões de sacas de açúcar. Estas usinas movimentaram US\$ 2,4 bilhões e empregaram 70 mil trabalhadores, dos quais 30 mil eram provenientes de outros estados, especialmente do Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais) e sul da Bahia” (Folha de São Paulo, Folha Nordeste, 02.05.1993, p. 10. Citado em SILVA, 1999, p. 15).

Assim, o bairro Cidade Aracy, que surgiu na década de 80, constitui-se principalmente por migrantes que vieram para São Carlos em busca de empregos, que iam desde emprego nas indústrias, em empresas, como Volkswagen, até o emprego na roça, na safra, nas usinas da região.

Encontrei no bairro migrantes nas mais diversas ocupações. Eram sergipanos, paraibanos, alagoanos, baianos, pernambucanos, mineiros, paranaenses etc. O que me surpreendeu desde o início, foi o fato de que muitos desses migrantes não trabalhavam no corte da cana, na colheita da laranja e não moravam em barracões paupérrimos, mas tinham a propriedade de estabelecimentos comerciais, trabalhavam muitas vezes na grande indústria de São Carlos, tinham cursos profissionalizantes, ou seja, um quadro totalmente diferente do que esperava encontrar quando pensei em estudar migrantes de um bairro periférico.

Ao mesmo tempo, conhecia também aqueles que pareciam estar no outro extremo, mais próximos da representação que geralmente se tem de um migrante: morando em casas mais simples, mal-acabadas, nas ruas mais pobres do bairro, ruas de terra, que muitas vezes antes de se mudarem eram trabalhadores sazonais, portanto, que trabalhavam em Usinas, no corte da cana, assim como também na laranja, cujas mulheres, além do trabalho na roça, também eram faxineiras ou empregadas domésticas.

Devo dizer que, pela minha experiência de campo, esses migrantes pareciam se constituir principalmente por nordestinos.

Digo isso tendo como referência não apenas dados de minha observação, mas também por ouvir dizer no bairro que eles estavam mais na roça, e também na construção civil. Além disso, havia indícios de que os migrantes que viveram muitos anos na capital paulista eram nordestinos. Isso estava de acordo com as pesquisas que apontam para a grande quantidade de nordestinos que migraram para as capitais do sudeste do Brasil. Da mesma forma, o que encontrei também está de acordo com pesquisas, como a de Silva (1999), que apontam a grande quantidade de nordestinos que trabalham nas usinas da região de Ribeirão Preto.

Não por acaso pesquisas desenvolvidas nos alojamentos das Usinas lidam com uma maioria de nordestinos e mineiros, não estando tão presentes os paranaenses⁷. Porém, antes mesmo de ir para o Cidade Aracy, eu tinha indícios de que no bairro havia uma maioria de migrantes paranaenses. Dados do Censo (2000) me indicavam algo sobre a população migrante de São Carlos: das pessoas que lá residiam e que vieram de outros estados nos últimos cinco anos (a partir do ano 2000, data de realização do Censo), 24,4% vieram do Paraná, 16,5%, da Bahia e 10,3%, de Minas Gerais. O mesmo Censo (2000) dizia que dos 192.998 habitantes de São Carlos, 31.873 não eram naturais do estado de São Paulo, e que desses, 31% eram do Paraná, 19,8% de Minas e 15,4% da Bahia.

Uma vez no bairro, pareceu-me que a maioria dos moradores era composta por paranaenses, não apenas pelo fato de eles dizerem que lá havia muitos paranaenses, mas também por eu ter conhecido muitos que se apresentavam como tal. Aqui há indícios de que, se estes paranaenses não se encontram na mesma proporção como trabalhadores rurais contratados pelas usinas, estão eles empregados geralmente nas demais grandes e médias indústrias de São Carlos, não se empregando tanto quanto os nordestinos na agricultura (embora certamente existam paranaenses ali).

Porém, como não desenvolvi uma pesquisa estatística que me trouxesse números significativos, tenho, por outro lado, dados qualitativos que apontam para essa diferença entre nordestinos e paranaenses no que ela contém de essencial para a vida desses migrantes: como essas diferenças são percebidas, articuladas e negociadas entre eles, engendrando identidades e pertencimentos.

Paranaenses pareciam trabalhar mais em empresas, enquanto os nordestinos pareciam trabalhar mais na roça. Importava menos se eles ocupavam ou não tais postos, mas se as representações sobre essas ocupações relacionadas à origem significavam algo para o conjunto das relações sociais que envolviam tais migrantes.

MIGRANTES E TRABALHO: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

Segundo minhas observações iniciais, os migrantes dividiam-se em grupos conforme ocupação e origem, fatores esses que estariam, junto com outros, compondo posições sociais a serem ocupadas. Encontrei no bairro representações que associavam justamente esses fatores, como origem e ocupação, de modo que eles compunham, cada vez mais, duas categorias classificatórias específicas: *ser paranaense*, *ser nordestino*.

Ocorrem na verdade duas questões que aparecem praticamente juntas, de tal modo que é difícil separá-las. Dizem respeito à definição de posições sociais que envolveriam, por exemplo, ser cortador de cana e o que representa ser cortador de cana, ser paranaense e o que significa ser paranaense, e ainda como todas essas situações articulam-se entre si. Assim, serão tratadas conjuntamente, mas com a preocupação de esclarecê-las sempre: ao mesmo tempo em que paranaenses são representados como os que estão mais na indústria, de fato eles pareciam estar mais empregados na indústria.

Dedicar-me-ei então à análise de representações que circulam no bairro e que envolvem imagens sobre os migrantes. Nordestinos e paranaenses são representados de forma diferente. Abordarei inicialmente a imagem dos migrantes em geral, para em seguida passar à análise de suas diferenciações internas.

O bairro é constituído por uma maioria de migrantes, mas isso não significa que não existam são-carlenses morando ali e é a partir da fala destes que inicio, dos que não são migrantes, mas nascidos e estabelecidos na cidade. Não os encontrei na parte mais pobre do bairro, pelo contrário, cheguei até eles por meio dos paranaenses que me pareciam *bem-sucedidos*, que trabalhavam na indústria ou tinham algum comércio.

De todo modo, são-carlenses eram “conhecidos” de muitos outros migrantes, e eram quase sempre apontados como pessoas “boas” para eu conversar, poderiam me

contar muitas histórias. Ocorre que eles mesmos, são-carlenses, assumiam a postura de “teóricos sociais” do Aracy, mostravam-se conhecedores de sua história e constituição e tinham sua fala ouvida e legitimada por praticamente todos, sejam nordestinos ou paranaenses. Por exemplo, Seu Mário, o dono de padaria no Presidente Collor, apesar de não ser um dos primeiros moradores do bairro, nele está há muitos anos, por volta de quinze, e considera-se um dos que mais ajudaram no processo de construção do Aracy⁸.

Foram eles, os são-carlenses, que me chamaram atenção para a diferenciação corrente que coloca os migrantes como preferidos na contratação feita pelas grandes indústrias de São Carlos. Uma primeira questão interessante que envolve representações sobre migrantes e trabalho. Seu Mário disse-me o seguinte sobre a contratação de funcionários pelas empresas da cidade:

- É que veio bastante gente trabalhar lá também, não é?

Seu Mário – Veio, veio. Muita gente que chegou e já arrumou serviço, porque ela [grande indústria] dava preferência para os paranaenses.

- Por quê?

Seu Mário – Porque é o seguinte, é um pessoal que vinha para cá, muito humilde, sabe, trabalhador, acostumado a levantar de madrugada.

- Preferia o paranaense à qual?

Seu Mário – Ao próprio são-carlense.

Ele disse que paranaenses são preferidos aos são-carlenses, mas ao longo da pesquisa e por meio de outras entrevistas e observações, constatei que ele se referia a todos os migrantes e não apenas aos paranaenses, pois essa idéia foi se mostrando comum no bairro: migrantes são preferidos ao são-carlense na hora da contratação para o trabalho.

É importante pensar todas as formas de representação da realidade social como sendo perfeitas para alguma coisa, ou seja, elas nos “fornecem um retrato parcial que é, todavia, adequado para alguma proposta” (Becker, 1993: 136) É importante investigá-las, pois podem apontar para o que está em jogo nos diferentes contextos em que os atores se inserem. E as representações deixam de ser tomadas como hegemônicas ou definitivas. Por exemplo, foi muito interessante constatar a representação de que os migrantes conseguem emprego com mais facilidade que os são-carlenses.

Esse dado contraria a idéia que geralmente se tem de que os migrantes – os “de fora” – possuem mais dificuldade que os “de dentro” – os são-carlenses. Faço aqui das abordagens que tendem a analisar a trajetória dos migrantes em termos de suas “dificuldades” e de suas “ausências” e que, dessa forma, consideram-nos como aqueles que não encontram no novo meio respaldo para suas regras e códigos, ficando alijados de sua identidade cultural (Silva, 1999) e de uma possibilidade de integrar-se ao novo lugar.

Abordagens essas que produzem assertivas comumente encontradas, tais como: “verifica-se que a população que migra para São Carlos em busca de inserção no mercado de trabalho, na maioria das vezes, não é bem sucedida, isto é, a massa migratória normalmente é de baixa renda e sem qualificação profissional exigida pelo mercado de trabalho” (Cortês et al., 2000 in Sanches e Dall Bello, 2001). Não estou dizendo que não haja desempregados no Aracy, mas que no bairro os migrantes não são vistos apenas como

incapacitados para o mercado de trabalho, de modo diferente, são muitas vezes vistos como os preferidos, como os mais preparados, o que contraria afirmações com frequência encontradas sobre isso.

Assim, continuo a análise das representações que envolvem os migrantes do Aracy, com as quais me deparava ao seguir adiante na investigação. Dizem que é pela própria dificuldade da condição de migrante que seria gerada a “facilidade” de conseguir emprego. Tal como disse André, são-carlense casado com uma paranaense, dono de uma sorveteria no Aracy:

- Você falou que então nas fábricas os próprios são-carlenses não são tão aplicados como os de fora?

André – Não são.

- É que eu ouvi falar que muitas vezes as empresas preferiram contratar os de fora ao são-carlense. É verdade?

André – É verdade. É verdade, tanto que na seção em que eu trabalhava, que eu trabalhava na (inaudível - nome da empresa), na sessão que eu trabalhava eram trinta e seis funcionários na linha, trinta e seis, dez, ou doze no máximo, não me lembro, eram da cidade, o resto era de fora! Paranaense, baiano, pernambucano, era de fora.

- E você acha que por que acontecia isso?

André – Não sei se é porque vieram tanto para cá, se eles chegaram aos montes, demais, ou se eles eram preferidos justamente porque são de fora, teriam que mostrar serviço, mostrar que são bons, para poder ganhar terreno, para poder ganhar confiança. Eu acho que é por isso que eles contratavam, o cara vem de fora, ele vai ter que mostrar serviço, mostrar que é bom. Agora os daqui (risos)... Já não se preocupavam muito né, “eu sou da terra...”.

- Sei, já pensava: “qualquer coisa eu sou daqui mesmo né...”.

André – “Eu sou dono...” Aí...

Para os são-carlenses residentes no Aracy, os migrantes são reconhecidos como aqueles que vêm para trabalhar. Prontos para “mostrar serviço” e ganhar seu espaço enquanto trabalhadores em São Carlos, não podem se arriscar a ficar sem emprego; não possuem a mesma situação “confortável” dos são-carlenses, algumas vezes chegaram sem nada, outras venderam tudo para vir, e nem mais têm para onde voltar. Não apenas diziam que os migrantes eram muito contratados na indústria, mas também na lavoura, fazendo serviço “pesado”, já que, como migrantes, tinham que enfrentar todas as situações, todas as adversidades, e, portanto pegam “todo tipo de serviço”.

Não apenas os são-carlenses dizem isso sobre os migrantes, como eles próprios dizem. Trata-se de representações encontradas de forma generalizada no bairro: os migrantes são preferidos porque mais dispostos para o trabalho. Na fala dos próprios migrantes, não apenas essa idéia está presente, mas a ela soma-se uma outra, a de são-carlenses serem “preguiçosos”. Primeiramente, migrantes dizem que ao chegarem, “sem conhecer ninguém, sem conhecer nada”, enfrentam qualquer tipo de serviço, mesmo que quisessem melhorar com o tempo. Sobre o trabalho na cana, ouvi inclusive que o são-carlense não faz esse tipo de serviço, considerado muito pesado, tem que ser para quem

já enfrentou de tudo e está começando a vida num novo lugar.

Ao reconhecerem essa situação, os migrantes constroem sua imagem em contraposição à do são-carlense, visto como preguiçoso. Foi o que me disse, por exemplo, Claudinei, alagoano: explicou-me que são-carlenses são muito preguiçosos por haver muitas escolas em São Carlos, que eles acabam estudando muito, perdem o tempo com isso e não têm tempo para trabalhar. Ele afirma que o trabalho é algo que a pessoa tem que se acostumar a fazer, sem esse costume as pessoas acabam preguiçosas.

Diversas vezes ouvi sobre a preguiça dos são-carlenses e que por isso os de fora, mais trabalhadores eram muito mais contratados, e nisso estão indistintas as procedências: sejam eles baianos, mineiros ou paranaenses, não importa de onde a pessoa tenha vindo. E também não importa se estejam falando da cana ou do serviço na indústria, seja num ou noutro, os de fora são preferidos. É uma idéia propalada por todos, independente da posição ocupada no bairro. Cito abaixo o que me disse Leonardo, paranaense, dono de um depósito de material de construção no bairro:

Leonardo - Eu acho que o povo tem mais preferência pelos que vem de fora. No meu modo de pensar eles têm mais preferência nos que vem de fora, porque os que vêm de fora, naquilo que eu falei para você, vêm para recursar, eles não vem para ficar pegando atestado, não vêm para poder mangar no serviço, ele vem trabalhar, então ele chega aqui e pega qualquer serviço e ele vai trabalhar, e o povão que é são-paulino, que é mais ambientado aqui, eles, não estou dizendo todos, mas a maioria, chega na Eletrolux, por exemplo... Eu tenho minha irmã que trabalha lá, nossa mãe do céu, ela trabalha, o povo gosta muito dela, porque ela não pega atestado, ela é o tempo inteiro; e eu tenho uns primos que trabalham ali e que vem de lá também, ali no Cruzeiro, eles não têm atestado, eles trabalham na Sicom há 17 anos, a vida inteira. Então, o povo daqui que chega lá, ah, hoje eu vou descansar, hoje eu não vou trabalhar, pega atestado, fala que está doente. O outro vai, chega no fim o que acontece, quando dá um corte, o outro sai fora, por isso que eles preferem mais o povo que vem de fora para recursar, porque eles sabem que os caras vieram para trabalhar.

É importante notar como esse posicionamento dialoga com os autores que partem de premissas que vêem “os de fora”, os migrantes, como os que não acatam os códigos e regras de conduta locais e, por isso, além de ficarem desempregados, sofrem uma série de preconceitos (Silva, 1999; Elias, 2000). Como se viu, representações pejorativas recaem também sobre os ‘de dentro’, ou seja, sobre são-carlenses, representações que inclusive dizem respeito à inclusão no mercado de trabalho, e eles próprios reconhecem, em certa medida, a existência delas. Certamente existe o preconceito para com migrantes, mas isso não deve ser visto como totalizador diante da complexa realidade social.

A análise dessas imagens e representações foi se revelando importante, primeiro para que outras já existentes, traçadas por outras pesquisas, pudessem ser relativizadas. A proximidade efetiva da realidade social encontrada permitiu essa relativização. Segundo, porque o surgimento desses novos dados ia mostrando questões que estavam em jogo ali, como *ser trabalhador*. Ao olhar para a questão, sempre presente, de ser mais ou menos trabalhadores, outras diferenciações aparecem, dividindo não mais migrantes e são-carlenses

apenas, mas também os migrantes entre si.

Aqui retomo a proposta de empreender uma comparação entre paranaenses de um lado, e nordestinos de outro. Dentre os migrantes, os paranaenses, na fala dos são-carlenses (moradores do bairro) são valorizados com relação aos nordestinos. Sobre isso a fala de seu Mário é esclarecedora:

Seu Mário – Eles davam até preferência mais para o paranaense do que para o nordestino.

- Por que você acha? Preconceito?

Seu Mário – Não, talvez não. Existe principalmente uma influência no termo de preparação... O nordestino ele é menos alfabetizado que o paranaense.

- O paranaense já tem mais instrução?

Seu Mário – Exatamente, então vamos dizer que seja isso, tá? Então o paranaense, apesar de ser um pessoal pobre e humilde que vinha, com grandes necessidades, mas ele tinha alguma instrução. Porque eles estudavam, iam longe, quilômetros de a pé, de bicicleta, cavalo, charrete, mas eles iam estudar, entendeu? E já o nordestino ele já não tem assim uma... Ele é menos instruído, bem menos. Se você colocar... Eu não tô discriminando e muito menos as empresas. Se você colocar dez paranaenses e dez nordestinos, eles vão pegar mais paranaenses, porque o paranaense ele, além dele estar mais instruído, ele é um pouco mais trabalhador que o povo nordestino.

- Trabalhador?

Seu Mário – É, é claro. O nordestino ele é trabalhador, ele é acostumado com o serviço duro, pesado, mas eles são um pouco... Um pouco... Porque lá eles não têm, o campo deles é muito pequeno...

- Não tem uma disciplina?

Seu Mário – Não tem uma disciplina e o campo deles é muito pequeno, norte, nordeste, muita seca, eles plantam, não nasce, eles largam pra lá, não plantam mais e ficam vivendo de não sei o quê. No Paraná não, no Paraná tudo que planta, dá, entendeu, sempre teve muito trabalho, na época do café, Paraná plantou muito café, tinham muito trabalho, depois entrou o milho, a soja, e outros grãos, então sempre teve muito trabalho. E ganhava pouco no Paraná, se ganha até hoje, quem ganha muito dentro do Paraná são os donos de fazenda, mas quem não tem nada ganha muito pouco, o trabalhador braçal ganha pouco. Mas ele tem um pouco mais de instrução que o pessoal do nordeste. E, além disso, o seguinte, eles sempre acostumaram a levantar muito cedo, a trabalhar o dia inteiro, até tarde. E o nordestino não...

- Acorda tarde, o nordestino?

Seu Mário – Não, não é, é que ele não tem a opção de trabalho, não é que eles são vagabundo, não, não é, é que eles não tem a opção de...

- É que se você não cria uma disciplina de horário e de trabalho ao longo da sua vida...

Seu Mário – É verdade. Então é totalmente oposto sabe, a maneira de viver do norte, nordeste, do pessoal do sul, totalmente oposto. Porque eu conheço, tanto o norte, nordeste, como o sul. Conheço, rodei o Paraná inteiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (...).

Os são-carlenses falam claramente que os paranaenses possuem vantagem por serem paranaenses. Atribuem especialmente duas vantagens deles sobre os nordestinos: são mais trabalhadores e mais instruídos. Também ouvi opinião parecida dos outros são-carlenses. Exemplifico com a fala André (da sorveteria):

- Então, continuando, só para a gente não perder o raciocínio. Você acha que os paranaenses vieram mais educados?

André – É, eu acho que eles vieram mais preparados para encarar o que tivesse que encarar.

- Mesmo os paranaenses que vieram de sítio?

André – É, a maioria que veio é de sítio né? Porque eles vêm em busca de uma vida melhor, de um futuro melhor, assim como os baianos também vêm, não é? Baiano, nortista, aquele pessoal do norte.

- Nortista é o quê?

André – Seria o baiano, os alagoanos, o pessoal daquele lado. Eles vêm atrás de um futuro melhor. A maioria dos que vem na verdade nem tem estudo.

- Mesmo os paranaenses?

André – Ah, os paranaenses são os que mais têm o conhecimento, que vêm com mais bagagem de conhecimento que os baianos, que os outros de outras regiões.

- Aí você acha que eles se deram melhor aqui no bairro, na cidade de São Carlos?

André – Pelo menos aqui no bairro, pelos paranaenses que eu conheço daqui, aqui eles se deram melhor.

- Melhor que os baianos?

André – Melhor que os baianos.

- E se dar melhor você acha que é o quê?

André – Conseguir um bom emprego, alguns conseguiram seus comércios, alguns já tem seu próprio negócio, outros tem um bom emprego. Quanto a parte baiana, a parte baiana (risos) a maior parte deles é construção civil, serviço rural, já os paranaenses nem tanto, já estão dentro do comércio...

Outras opiniões similares, junto a essas, ajudam a compor algumas representações existentes sobre o paranaense no Aracy: *ser paranaense* adquiria uma série de sentidos com conotação positiva, principalmente se relacionado ao que é *ser nordestino*. Especialmente na questão da inserção no mercado de trabalho, quesito importante por ser uma justificativa para a mudança dos migrantes, por constituir-se num desejo para todos, ao mesmo tempo em que é visto como obstáculo e objeto de disputa.

Sublinhavam que o paranaense era mais instruído e mais trabalhador, que estava geralmente com um bom emprego ou com seus comércios, e de fato, eu conheci muitos paranaenses mais instruídos e com bons empregos ou comércios. Encontrava-os mais nas médias e grandes empresas enquanto os nordestinos estavam mais ligados à agricultura, ao trabalho na roça. Assim como também eram mais associados a esse tipo de serviço.

Somado a isso eu observava sinais de que se separavam no bairro: nas melhores ruas, encontrar-se iam mais facilmente paranaenses e, nas piores, mais facilmente nordestinos.

Assim *ser paranaense* e *ser nordestino* foram se constituindo em categorias sociais classificatórias. Aos primeiros está associado o trabalho nas firmas, a propriedade de comércios, maior grau de instrução, morar em certas ruas, serem mais trabalhadores. Aos segundos, está associado o trabalho na roça, na construção civil, menor grau de instrução, menor oportunidade de trabalho ao longo da vida e morar nas piores ruas. Essas categorias – *ser paranaense* e *paraibano* – surgiram em contraposição.

A oposição entre elas nem sempre era assumida explicitamente. Os entrevistados nunca querem parecer “preconceituosos” e o discurso da diferença tende a ser amenizado. Muitas vezes as representações aparecem não quando perguntamos diretamente sobre elas, pelo contrário, nesse momento elas tendem inclusive a ser camufladas, mas geralmente surgem de forma natural incluídas nos relatos mais corriqueiros. Assim, diversas vezes ouvi referências sobre elas, mas apareciam de forma variada. Estavam não apenas na fala de são-carlenses “teóricos” do bairro, como também na fala de migrantes de outras regiões, como Seu João, mineiro, um dos mais antigos moradores do Aracy que disse o seguinte quando estávamos conversando:

Seu João – Mesmo os migrantes... Eu não, eu não sou contra, mas tem pessoas que, “ah, eu não gosto de nordestino, eu não gosto de baiano, eu não gosto de pernambucano, eu não gosto de paraibano”, tem gente que não gosta de mineiro!

- E você é mineiro, né?

Seu João – Eu sou mineiro. Tem pessoas que falam isso. Agora, tem pessoas que falam, “não, entre mineiro, paranaense e o nordestino, eu fico com o paranaense e o mineiro, são pessoas mais humildes, mais educadas”; mas eu não concordo com isso. Eu conheço muito nordestino, paraibano, cearense, pernambucano, pessoas boas, muito decentes.

A fala de seu João deixa clara a tendência que existe de as pessoas preferirem um paranaense a um nordestino, sendo os primeiros vistos como mais decentes e pessoas boas. Embora ele afirme não concordar com essa opinião, fica subentendido que ela é corrente. É importante reforçar que tais representações redundam em melhores posições ocupadas pelos paranaenses. Conheci muitos paranaenses bem-sucedidos ali, e estes não constituem minoria inexpressiva no bairro, trata-se de uma parcela significativa.

Por estarem muito presentes no espaço comercial do bairro – muitos paranaenses eram comerciantes – os paranaenses tornam-se muito visíveis: um espaço freqüentado por todos, onde entram em contato migrantes com as mais diversas trajetórias e histórias. Foi inclusive esse contraste que me chamou atenção. Ali muitos paranaenses que me pareciam muito bem economicamente encontravam-se com baianos, alagoanos, paraibanos em situação muito diferente. Como eles próprios se colocam diante das representações que os envolvem como grupos distintos?

Quanto aos nordestinos, notei que eles sentem o peso das representações negativas que recaem sobre eles, e que respondem a elas de alguma forma:

Teresa: um ônibus para a roça vai lotado de paraíba, não tem vaga para um são-carlense...

D. Juraci: só cearense e paraibano. É porque não tem serviço, mas são trabalhadores

os paraibanos.

(...)

Teresa: Olha a menina aqui, que trabalha desde novinha... (inaudível, várias começam a falar)

Catarina: ...trabalha na roça porque gosta...

- Ah, ela gosta? Vocês falaram que é legal na laranja, né?

Teresa: É muito divertido, é sim. É uma amizade sabe, é uma coisa sadia, você não vê assim, inimizade no meio...

Conforme vinha sendo dito, reconhecem que na roça eram muito mais contratados que os são-carlenses, contando com orgulho que não havia um sequer, apenas cearense e paraibano. Ao mesmo tempo que reforçavam a idéia de que migrantes eram mais contratados, dialogavam com as representações que envolvem o nordestino, e que lhes chegam, como a idéia de não serem eles trabalhadores. Sabem que são representados como aqueles que não gostam de trabalhar e, por isso, defendem-se, mostram estar muito ligados ao trabalho rural, e alegam que o fazem porque gostam, e assim são muito trabalhadores.

Mesmo que em outro momento tenham dito que só vão para a roça quando “está ruim de serviço”, que não gostam de “catar laranja” porque é temporário e pela dor nas costas que sentem, contam com orgulho que o ônibus vai lotado de paraibanos, e que o trabalho na roça é muito divertido. O trabalho na safra, associado ao *ser nordestino*, é visto como preterido, mas aqui eles se referem a ele como algo bom, valorizando-o. Com isso quero dizer que, tudo aquilo que envolve o *ser paranaense* e o *ser nordestino* poderia ser negociado na interação, não podendo ser visto com rigidez.

Trata-se de um fenômeno que acontece com qualquer imagem ou representação. Elas existem, mas são negociáveis. Por exemplo, a questão sobre o trabalho na roça: quando se considera a fala dos próprios nordestinos (trabalhadores de roça), ora ele é visto como trabalho pesado e difícil, e ora é visto como divertido e até preferido. Contam que gostam de roça, reconhecem que é um trabalho pesado, mas destacam o aspecto do divertimento e da possibilidade de conhecer pessoas e fazer amizade.

Diferente do trabalho nas empresas, na roça, especialmente na atividade de catar laranja, há uma certa liberdade com relação ao tempo de trabalho. Dessa forma geralmente dizem que na roça “não tem que fazer tudo de um jeito exato, tem apenas que fazer a cota”. Assim, o trabalhador pode fazer a cota de 50 caixas de laranja até a hora do almoço, e depois fazer o que quiser. Se bem que consideram que, quanto mais se trabalha, melhor, pois receberão mais dinheiro. Por ser considerado um “trabalho aberto” ele tende a ser valorizado pelos trabalhadores em contraposição ao trabalho em que há o controle mais direto do tempo de trabalho, como acontece dentro das empresas.

O *status* das ocupações oscila segundo as variáveis nas quais os agentes estão pensando e segundo a posição que ocupam. É certo que ninguém deixa de dizer que o trabalho na roça é muito pesado, porém, paraibanos que realizam essa tarefa, realçam o lado mais “livre” do trabalho, menos mecânico, que eles dizem ter mais a ver com o jeito deles, que na roça é possível estar entre amigos e que nela há muitos nordestinos – inclusive

da família.

Analiso agora um pouco mais de que modo o que estava envolvido no *ser paranaense* e *nordestino* era tratado pelos próprios paranaenses e nordestinos. Os nordestinos com os quais eu conversava, especialmente de uma família de paraibanos, mas outros também, sempre associavam imediatamente paranaenses a atividades comerciais:

Lúcia - Mas aqui também tem muito paranaense. Tem Mercado Paraná, esse Depósito Paraná, tem um monte...

- Será que os paranaense são mais donos das coisas aqui, ou não, não tem nada a ver?

Lúcia - Eu acho que é. Daqui na Aracy, eu acho que é, eles tem muito assim, supermercado, depósito... São donos.

(...)

Lúcia - É que a maioria do povo aqui, esses donos de padaria, ali da Paraíso...

Teresa - Paraná.

Lúcia - O dono da padaria Pani Silva é paranaense.

Catarina - Material de construção...

Lúcia - Do Dois Irmão, é paranaense. Do... Então, um monte de gente paranaense aqui... Material de construção...

Tendem a associar a propriedade de um estabelecimento comercial a um paranaense. Muitas vezes tratava-se mesmo de um paranaense, mas algumas vezes não. Isso aconteceu também quando eu estava conversando com Elizete, alagoana. Ela comentava sobre o Supermercado Zazá, no Aracy, e perguntei quem era o dono. Primeiro ela responde "o Zazá", e perguntei se ele era são-carlense. Ela disse que com certeza não era, e que ela tinha quase certeza que era paranaense. Perguntei: por quê? Ela disse que era "pelo jeito da pessoa". Acredito que esse "jeito" não esteja diretamente relacionado a características físicas, mas mais à construção social do que era *ser paranaense*.

Além disso, de fato, nessa parte do bairro ocupada pelos comércios, paranaenses prevalecem e se tornam "visíveis". Quanto aos próprios paranaenses bem-sucedidos, eles geralmente discordam da idéia de que se deram melhor que qualquer outro grupo migrante. A propriedade dos estabelecimentos comerciais é quase sempre atribuída a eles, mas os próprios não reconhecem que existem muitos paranaenses proprietários, especialmente quando eu perguntava diretamente sobre isso.

Embora neguem que prevaleçam no ramo comercial, têm dificuldade em apontar nordestinos que tenham estabelecimentos comerciais ali, ao mesmo tempo em que apontam uma grande quantidade de paranaenses: pessoas que vieram de sua cidade, algum parente, às vezes alguém que só conhecem de vista, mas que sabem serem paranaenses. Essas colocações apontam para algumas reflexões. Primeiro, que as representações não aparecem como respostas a perguntas diretas, ou seja, diziam-me que não eram preponderantes no comércio, mas não identificavam muitos nordestinos ali. Havia nisso algo importante.

Em segundo lugar, poderia haver uma maioria de paranaenses nos comércios, e muitos paranaenses poderiam conter tudo aquilo que significava *ser paranaense*, mas, assim

como eles diziam, o grupo dos paranaenses não era uma coisa só. É tal como disseram: 'nem todos os paranaenses são assim'. Paranaenses, de fato, não se constituíam em grupo homogêneo, fechado e coeso. Os próprios paranaenses bem-sucedidos não achavam que todos os paranaenses eram iguais, que *ser paranaense* era o ponto de diferenciação. Para tornar mais claro: apesar de dizerem que o paranaense tem um "ritmo" diferente do nordestino, isso não remete a uma idéia de unidade entre todos os paranaenses. Oliveira, paranaense, dono de uma conhecida padaria na Vicente Laurito me disse:

- Você acha que tem muita diferença do paranaense para os outros migrantes? Tipo a pessoa que veio do nordeste...

Oliveira - Ah tem. O ritmo, vem da criação né... Do local... Que quem vem do norte é o pessoal que gosta mais assim, de farra, gosta mais de sair, de dançar. Que lá o pessoal, é muita festa né. É mais festeiro. O pessoal do Paraná já é um pessoal assim mais reservado. Gosta também de sair, mas é um pessoal assim mais reservado. É um pessoal que eu acho que já pensa mais no dia a dia, na situação. Já o pessoal que veio do norte, eles não estão nem aí, é um estilo de vida diferente. Até a gente atendendo, a gente sente que tem diferença... Vê gente de todo tipo. E tem gente dessa região que é igual a gente também, ou do Paraná que já tem um estilo diferente né...

Ser paranaense é uma categoria social que está envolvida numa série de representações que circulam no bairro. Mas, *ser paranaense* não está diretamente ligado a declarar-se paranaense, ou ter vindo do Paraná. O que ele me disse é que havia ali no bairro muitos paranaenses que não eram como os *paranaenses* em geral. A existência dessa categoria social é que permite a Oliveira, nascido no Paraná, e com pais mineiros, definir traços de comportamento dos paranaenses, mas afirmar que existem pessoas de outros lugares que são como eles, assim como existem paranaenses com estilo diferente:

Oliveira - Então, eu vou falar para você a verdade, tem paranaense que é ruim, que não é um povo fácil de você lidar também não.

Existem representações em torno da figura do paranaense, fazendo com que *ser paranaense* constitua uma categoria social importante ali. A ela está associada uma série de fatores e posições, como serem mais instruídos, mais trabalhadores, menos festeiros, estarem mais nas indústrias, com comércios, morando nas melhores ruas. De fato, havia muitos paranaenses nessas condições. Mas embora muitos estejam bem-sucedidos, correspondendo de alguma forma a todas as representações que circulam sobre eles, paranaenses não poderiam ser considerados uma unidade ali. Havia paranaenses que não correspondiam ao que era *ser paranaense*.

Assim, mesmo migrantes não paranaenses poderiam ser apontados como paranaenses por outros que os viam incluídos no que era *ser paranaense*. Da mesma forma, poderia haver nordestinos que não correspondiam ao que era *ser nordestino*, e poderiam se aproximar mais do que era *ser paranaense*, segundo o que essa categoria significa ali. Assim, existe o que ele chamou de "paranaense difícil", ou então um baiano que tivesse o mesmo "ritmo" que o paranaense.

Em outras palavras, não era exatamente declarar-se baiano ou paranaense, ter vindo da Bahia ou do Paraná suficiente para definição de uma posição. Paranaenses e nordestinos, em última análise, não constituem unidades em si mesmos. Por outro lado, *ser paranaense* e *ser nordestino* constituem categorias sociais que articulam representações e imagens sobre a origem dos migrantes e sua inserção no mercado de trabalho local. Estando muito presentes ali, é importante que sejam reconhecidas quando se pensa em migrantes e trabalho nas cidades do interior de São Paulo.

CONCLUSÃO

De acordo com uma série de representações que envolviam imagens de paranaenses e nordestinos, pude identificar as seguintes categorias presentes ali: *ser paranaense* e *ser nordestino*. *Ser paranaense* adquiria uma série de sentidos com conotação positiva, especialmente se relacionado ao que era *ser nordestino*. Era ser mais trabalhador, mais instruído, estar provavelmente empregado na indústria, com seu próprio estabelecimento comercial, morar nas melhores ruas, nas casas maiores e mais bem-acabadas. *Ser nordestino* remetia ao emprego na roça, não ter instrução formal, ser menos trabalhador, morar nas piores casas e ruas do bairro.

Foi importante observar que todas as associações e representações que envolviam o *ser paranaense* e *ser nordestino* podiam ser negociadas. O trabalho na roça, apesar de preterido, poderia ser também valorizado pelos que o exercem. Portanto, todas as representações são passíveis de serem negociadas na interação. Não as invalido, mas não podem ser tomadas como rígidas diante da pluralidade de atores, posições e contextos.

Foi também muito importante notar de que modo a origem compunha o *ser paranaense* e o *ser nordestino*. Havia paranaenses que não correspondiam ao *ser paranaense* construído e representado ali. Assim como havia nordestinos que correspondiam ao *ser paranaense* como representado por eles. O fato é que, os paranaenses não poderiam ser considerados uma unidade no bairro, assim como não poderiam ser os nordestinos. Migrantes não-paranaenses podiam ser apontados, por outros migrantes, como paranaenses por corresponderem ao que era *ser paranaense*.

Não devem ser vistas de forma simplificada as representações e associações incluídas nessa classificação, embora elas existam e estejam muito presentes ali.

Migrants in the State of São Paulo: origin representation and insertion in the labor market

ABSTRACT

This paper focuses on the migrants' insertion in the city of São Carlos, in the interior of São Paulo State, discussing the circulation of representations that link the migrants' origin and their insertion in the local labor market. Two

important social categories were analyzed: *paranaenses* and *nordestinos*.

Keywords: Migrants. Interior of São Paulo. Origin. Labor.

Notas

- ¹ Doutora em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço: SQN, 403, bloco P, apto 106, Cep. 70835-160 Brasília, Distrito federal, Brasil. Telefone: 61 – 3326 2935. E-mail: virginiaves@gmail.com
- ² O texto deste artigo baseou-se na tese de doutoramento *Migrações e Redes Sociais: trajetórias, pertencimentos e relações sociais de migrantes no interior de São Paulo*, sob orientação de Beatriz Heredia, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- ³ Ao pesquisar documentos sobre a cidade de São Carlos, percebi que diversos nomes de ruas levam nomes dos estados brasileiros: Rua Paraná, Pernambuco, Bahia. E assim também encontrei pessoas que vieram do Paraná residindo na rua que corresponde ao seu estado. Dessa forma, aquilo que foi colocado por Seyferth (1990) pode ser pensado para migrações nacionais, que tenderia a concentrar também migrantes de mesma origem numa área urbana comum.
- ⁴ "O interior paulista tem na modernização do campo, somada a não realização da reforma agrária, um dos grandes motores do êxodo rural, que expandiu a periferia de vários municípios" (BORGES, 1997: 38-39).
- ⁵ A região de Ribeirão Preto, uma das áreas agrícolas mais ricas do país, compreende as seguintes sub-regiões segundo IBGE: Ribeirão Preto, Franca, Ituverava, São Joaquim da Barra, Barretos, Jaboticabal, Araraquara e São Carlos (citado por SILVA, 1999).
- ⁶ www.unicamp.br/nepo/ (consultado em 08.12.2003).
- ⁷ Embora não haja usinas de cana instaladas em São Carlos, há muitas na região, considerada região de Ribeirão Preto. Moradores do Aracy vão para essas usinas trabalhar.
- ⁸ Ele foi a primeira pessoa a vender pão e leite no bairro, responsabilizou-se pela distribuição das cartas, seu carro serviu de "ambulância" e foi o primeiro a vender velas, pois não havia energia elétrica.
- ⁹ Não posso dizer se estes migrantes serão sempre "de fora", pois como o bairro é relativamente recente, a maioria está ali há menos de dez anos, ainda não se formou uma segunda geração de trabalhadores, ao menos não significativamente.

Referências

- BECKER, Howard. "A História de Vida e o Mosaico Científico" e "Falando Sobre a Sociedade". In: *Métodos e Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BORGES, Janice R. P. "A Exclusão Social no Processo de Interiorização do Desenvolvimento Paulista: um estudo sobre as famílias ribeirinhas do Tietê, Piracicaba e Paranapanema". 1997. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP.
- COSTA, Maria Cristina Silva. "Nós das Redes". *Travessia: revista do migrante*. no.40, p. 25-27, maio/ago. 2001.
- ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de*

uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. *O Sul: Caminho do Roçado – estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GARCIA, Marie France; HEREDIA, Beatriz M. Alasia de. "Migração e Estratégias Familiares: O Caso dos Nordestinos no Rio de Janeiro". *Série Estudos Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, UFRJ/IFCS, no. 13, p. 75-84, 1997.

OLIVEIRA, Alessandro José. "Um Olhar Sobre a Cidade". 1999. Monografia. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 1999.

PAINO, José Roberto Andrade. *Matizes de uma Luta: capítulos tenebrosos da história sindical, empresarial e política de São Carlos*. São Carlos: Suprema, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. *Un Nanterre Algérien: terre de bidonvilles*. Paris: Éditions Autrement, 1995.

SANCHEZ, Patrícia Salvador; DAL BELLO, Érika Aletéia. "Ocupação periférica de baixa renda em áreas de mananciais". In: FELICIDADE, N.; MARTINS, R. C.; LEME, A. A. (orgs.). *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil*. São Carlos: Ed. Rima, 2001.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Maria Ap. de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

Data do recebimento: 19/09/2006

Data do aceite: 26/10/2006